

CORREIO ECONÔMICO

Marcello Casal Jr. - Agência Brasil



Desempenho automotivo em 2024 é o maior do planeta

Anfavea comemora avanço de 15% das vendas automotivas

Em ritmo de comemoração, a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) informou, nessa quinta-feira (12), que vendas automotivas neste ano avançaram 15%, ante os 12 meses anteriores. Para o próximo, a estimativa é bem inferior, de 5,8%.

Esse patamar é considerado o mais elevado, desde 2007 – com empacamento de 2,654 mi-

lhões de veículos leves e pesados, ante 2,309, no ano passado – o que coloca o país no topo no desempenho global, superando Estados Unidos, Alemanha, Índia e China.

O crescimento expressivo tupiniquim reflete o forte ciclo de investimento, no montante de R\$ 180 bilhões, por parte das montadoras, o maior já registrado na história do setor.

Forte impulso

De um início 'retraído', no primeiro semestre, no seguinte, o setor ganhou maior impulso. Somente em novembro, a média de vendas diária atingiu 13,3 mil unidades, a maior em dez anos. Já as vendas entre os veículos pesados subiram 15%, no comparativo anual.

Retomada

Se no 1º semestre, as exportações decepcionaram a indústria, no segundo, a retomada foi embalada pelos embarques à Argentina, com alta de 39%, e de 14% para o Uruguai. Em 2025, a Anfavea projeta exportações de 428 mil unidades, alta anual de 6,2%.

Sinaval



Novas contratações da estatal reforçam setor petróleo

Petrobras vai contratar a construção de 12 embarcações

Equivalente ao montante de R\$ 16,5 bilhões, a contratação dos estaleiros Bram Offshore e Starnav Serviços Marítimos, ambos de Santa Catarina – para construção e afretamento de 12 embarcações do tipo Platform Supply Vessel (PSV) – foi anunciada, nessa quinta-feira (12) pela Petrobras. O investimento visa abastecer de

suprimentos, estruturas como plataformas de petróleo e navio-plataforma.

A presidente da estatal, Magda Chambriard, considerou as embarcações 'fundamentais' para operações de logística de exploração e produção da companhia até 2028, o que deve resultar na criação de 11 mil empregos diretos e indiretos.

Conteúdo local

Os contratos contêm exigência de 40% de conteúdo local na fase de construção, e prazo de quatro anos para mobilização e 12 anos de operação. Segundo Magda, os navios atendem "elevados padrões ambientais, sociais e de governança, vitais a um futuro sustentável".

Sistema híbrido

Os navios contarão com um sistema propulsivo híbrido, que combina motores elétricos e baterias com geradores movidos a diesel e biodiesel. Esse investimento fortalecerá a relação da Petrobras com a cadeia produtiva nacional, com a contratação de estaleiros nacionais.

Alta de 11%

O faturamento da indústria eletroeletrônica deve atingir R\$ 226,7 bilhões em 2024, alta de 11% em ante 2023, de R\$ 204,6 bilhões.

A projeção foi feita, nessa quinta-feira (12), pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee).

Base fraca

Para o presidente da Abinee, Humberto Barbato, "ao avaliar o acréscimo de 11%, é importante lembrar que a base de comparação foi mais fraca, pois em 2023 houve recuo de 6%, comparado a 2022. Mas essa elevação foi superior à projeção anterior para este ano, de 7%".

‘Desarranjo fiscal’ do Planalto pode tirar a ‘potência’ do BC

Mercado: alta da Selic impacta custo da dívida e realimenta a inflação

Por Marcello Sigwalt

Ratificando aquilo que se tornou notório, nos últimos meses, especialistas do mercado apontam o risco de o Banco Central (BC) perder a 'potência' da política monetária, devido ao que classificaram de 'desarranjo fiscal', tendo em vista o 'impacto' da forte alta da taxa básica de juros (Selic) sobre o custo da dívida pública, enquanto proliferam questionamentos quanto à credibilidade das contas federais.

Frente a esse cenário adverso, analistas debatem o risco de o aperto monetário se tornar 'ineficaz' para 'domar' a inflação tupiniquim, sobretudo, pelo fato, de os indicadores do mercado não responderem, como esperado, ao choque de juros anunciado pelo BC.

Segundo uma fonte do Ministério da Fazenda, face ao choque da Selic, elevada a 12,25% ao ano, com perspectiva de dois novos ajustes de um ponto percentual na taxa, como antecipado pelo Copom (Comitê de Política Monetária), foi frustrada a expectativa de que os juros futuros, em especial, na ponta curta, atingissem patamares mais elevados e uma redução na ponta longa.



Reprodução site Money Now News

Alta de juros perde 'potência', ao 'alimentar' trajetória explosiva da dívida pública

Nem mesmo a perspectiva de ganho cambial, pela elevação da Selic, versus juros dos EUA, que poderia favorecer o fluxo de recursos para o Brasil, foi insuficiente para valorizar o real.

'Dominância fiscal' é a perda de eficácia da política monetária em cenário de desarranjo das contas públicas. Isso ocorre porque uma alta da Selic acaba elevando o gasto do governo com pagamento de juros da dívida pública, agravando a questão fiscal, deteriorando expectativas de

mercado, afeta as condições financeiras, o que realimenta ainda mais a inflação, como 'feito dominó' crescente.

Segundo especialistas, para cada ponto percentual de alta da Selic, o custo de rolagem da dívida pública cresce R\$ 45 bilhões, considerando que esse patamar dos juros seja mantido ao longo de um ano.

ONS: reservatórios estão adequados

O diretor-geral do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Marcio Rea, disse, nessa quinta-feira (12), que, na média, os reservatórios do País terminaram novembro com 44% da sua capacidade, ainda abaixo do registrado para o mês em 2022 e 2023, mas em condição "muito adequada" para o atendimento do sistema. Ele afirmou que três dos quatro subsistemas do País, à exceção do Norte, devem encerrar o

ano acima de 40%.

"Tivemos um novembro já apresentando chuvas acima da média e chovendo no lugar certo, nas bacias de interesse, a maior parte concentrada no Sudeste", disse Rea.

O ONS informou que, no fim de novembro, o armazenamento nas bacias do Sudeste e Centro Oeste chegou a 43% da capacidade, contra 40,4% ao fim de outubro. Já no Nordeste, esse porcentual foi de 45% ante

44,6% no mês anterior.

No fim do ano, espera-se uma média nacional de 48,7% de armazenamento, porcentual que, em 31 de dezembro de 2023 era de 60%.

Desagregando por região, espera-se que o subsistema Sul chegue ao fim do ano com 60,5% da capacidade de energia armazenada, Sudeste/Centro-Oeste, 48,7%, e Nordeste 46,8%. A região Norte deve chegar ao fim do ano com re-

servatórios a 38,3% da capacidade, informou o ONS

O diretor de planejamento do ONS, Alexandre Zucarato, trabalha com uma expectativa de 41% da capacidade dos reservatórios ao fim do período de chuvas e máximo de 88%.

"Se ficarmos no limite inferior teremos de despachar térmicas para fazer a ponta, sobretudo quando tiver 'calorão' misturado a baixo vento".

Copom faz bolsa 'despencar' 2,74%

A recuperação dos ativos brasileiros após a dureza do comunicado e, especialmente, do guidance de dois novos aumentos de 100 pontos-base na Selic, em janeiro e março de 2025, não veio nesta quinta-feira (12), ao contrário do que se chegou a esperar.

A curva de juros mostrou ajuste tanto nos vértices curtos como nos longos, o dólar voltou para 6,00% (+0,86%) após ter fechado ontem abaixo do limiar, e o Ibovespa caiu 2,74%, aos 126.042,21 pontos – a maior perda diária para o índice da B3 desde a queda de 3,06% em 2 de janeiro de 2023, há quase dois anos, refletindo o tom duro do Copom.

Desde a abertura, aos 129.587,08 pontos, o Ibovespa operou apenas no negativo, atingindo, na mínima do dia, à tarde, os 125.828,56 pontos.

Na semana, o Ibovespa ainda sustenta leve ganho de



Reprodução site Seu Dinheiro

Tom duro de comunicado do Copom derrubou bolsa

0,08% e, no mês, sobe 0,30% – no ano, cede 6,07%.

"O mercado voltou a operar estressado, mesmo que o aumento estivesse, em parte, precificado na curva de juros, com a Selic chegando no horizonte curto a 14,25%. Cenário já estava bem esticado para juros, e

a comunicação do Copom veio no tom que precisava para ancorar as expectativas e também o dólar", diz Felipe Moura, analista da Finacap.

"Mas o mar segue turbulento, o mercado está muito disfuncional com o nível de volatilidade que se viu hoje,

fora da normalidade. Ontem um procedimento médico no presidente Lula levou a Bolsa a subir 3 mil pontos em minutos. Os instrumentos de navegação não estão funcionando direito, é preciso deixar a tempestade passar", acrescenta o analista, observando que o momento dificulta leitura clara do cenário inclusive em relação a temas palpáveis, como o pacote de cortes de gastos.

"Foi um dos piores dias dos últimos tempos. Mais dois aumentos de 100 pontos-base pela frente, sinalizados ontem pelo BC, mostram o grau de preocupação com o fiscal – e a política monetária não consegue resolver tudo sozinha, sem a contribuição do fiscal", aponta Rodrigo Moliterno, head de renda variável da Veedha Investimentos. "Se nota a demora no andamento do pacote de cortes de gastos proposto pelo governo", conclui Moliterno.

Avanço da Selic 'premia' alta de futuros

Os juros futuros fecharam a sessão em alta, mais acentuada na ponta curta, em função da reação ao comunicado do Copom mais hawkish do que o previsto. O impacto ao longo do dia, porém, acabou sendo contaminado pelas preocupações com o cenário fiscal, em meio ainda à maior cautela no ambiente externo.

A percepção é de que a política monetária terá de ser até mais agressiva que o sugerido

pelo colegiado para compensar a falta de rigor na gestão das contas públicas, diante do pessimismo sobre a aprovação do pacote de corte de gastos ainda em 2024. A precificação da curva para a decisão de janeiro já embute um aumento de 1,25 ponto porcentual, com Selic terminal próxima novamente dos 16%.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 saltou

de 14,26% para 14,66% e a do DI para janeiro de 2027, de 14,49% para 14,71%. A taxa do DI para janeiro de 2029 encerrou em 14,16% (de 14,12%).

As primeiras horas da sessão foram dedicadas à repercussão do Copom. O aumento da Selic em 1 ponto, para 12,25%, estava bem precificado, mas não os outros dois da mesma magnitude que foram sinalizados, o que surpreendeu o mercado. O Copom deixou ainda em

aberto a questão sobre até onde o ciclo pode chegar, alegando que a magnitude total será ditada pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta. As taxas curtas subiram e as curtas cederam, ambas de forma expressiva, cumprindo a expectativa de achatamento da curva prevista ainda ontem pelos analistas. O efeito Copom na ponta curta foi ainda potencializado pelo resultado das vendas do varejo.